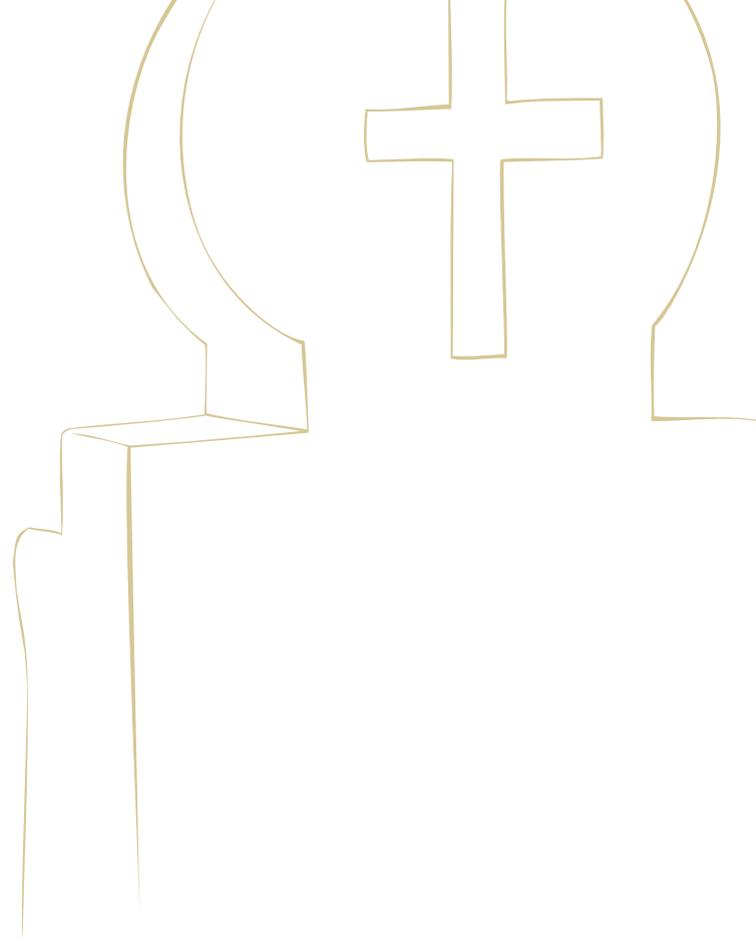


memoriais

MEMORIAL DA ERMIDA

MARMOIRAL DE SOBRADO



Nos concelhos de Penafiel e de Castelo de Paiva conservam-se dois monumentos funerários e comemorativos de notável interesse, tanto pelas características que apresentam como pelo facto de corresponderem a uma tipologia de que restaram unicamente seis exemplares em todo o território nacional: o Memorial da Ermida ou *Marmoiral* de Irivo e o Monumento Funerário de Sobrado, também designado de *Marmoiral* da Boavista.

225

Situado na freguesia de Irivo, concelho de Penafiel, o Memorial da Ermida encontra-se hoje descontextualizado da antiga rede viária medieval, com a qual deve ser relacionado e entendido.

Este *Marmoiral* estava originalmente localizado junto à *Estrada Velha* que, saindo do Porto, atravessava a freguesia de Paço de Sousa, passava pela Ponte do Vau, seguindo depois para Nascente, já dentro



1. O Memorial da Ermida estava localizado junto à Estrada Velha Porto-Penafiel.

dos limites da paróquia medieval de Santa Maria de Coreixas, posteriormente integrada na de Irivo¹. O Memorial, segundo J. Monteiro de Aguiar, confinava com o caminho, situação que foi alterada devido às transformações da rede viária nos finais do primeiro quartel do século XX.

Mário Barroca define os memoriais como monumentos funerários independentes e isolados, comportando a cavidade de inumação num supedâneo, sendo o conjunto dignificado por um arco normalmente decorado². Juntamente com o Memorial de Burgo (Arouca), o Memorial da Ermida faz parte do pequeno grupo deste tipo de monumento existente no Douro-Litoral, que possui um trabalho decorativo nas aduelas, molduras bem marcadas e tardias, cujo efeito decorativo é sublinhado pela presença de meias esferas ou pérolas em três faces distintas.

Na Ermida, o monumento apoia-se sobre uma base pétreo rectangular, com sapata, onde foi aberta a cavidade sepulcral que, segundo Abílio Miranda, era antropomórfica. A tampa encontra-se soerguida por pequenas colunas geminadas que, nas faces exteriores, ostentam caras sumariamente tratadas. O remate superior inclui um friso onde foram esculpidas folhas tratadas a bisel, segundo a técnica do *atelier* de pedreiros que em meados do século XIII, trabalharam no estaleiro do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa (Penafiel). As características estilísticas patentes na decoração do Memorial da Ermida sugerem uma cronologia em torno de meados do século XIII³.

A decoração do arco apresenta algumas das características do Românico do Vale do Sousa, assemelhando-se ao portal axial do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa.

O Marmoiral de Sobrado, situado à entrada da Quinta da Boavista, no concelho de Castelo de Paiva e habitualmente designado de *Marmorial* da Boavista, apresenta uma estrutura completamente distinta do Memorial da Ermida e de outros monumentos da mesma tipologia, uma vez que não apresenta qualquer arco.

Este monumento é formado por duas cabeceiras verticais de terminação discóide, com cruces latinas gravadas em cada face, onde se apoiam duas lajes horizontais, a superior é rectangular e a inferior, correspondente a uma tampa sepulcral, apresenta formato convexo na superfície. Strecht de Vasconcelos, nas suas lendas de Castelo de Paiva, associa a morte de um cavaleiro durante um duelo, no século XII, ao Marmoiral de Sobrado⁴.

Sobre a laje superior está gravada uma forma triangular que inclui, no interior, uma cruz. Na laje inferior foi gravada uma longa espada e uma cruz grega, inscrita em círculo.

O elemento da cruz dentro de um círculo é designado por C. A. Ferreira de Almeida como grafito apotropaico cruciforme, sendo comum, na Época Românica, tanto na tumulária como nas paredes das igrejas. Nas faces externas de ambas as lajes foram também gravadas espadas⁵.

Embora seja complexa a datação deste monumento, uma vez que a sua estrutura tem uma expressão diversa dos outros memoriais não permitindo comparações tipológicas, o Marmoiral de Sobrado tem sido datado de meados do século XIII.



2. Memorial da Ermida. A decoração do arco segue os modelos próprios do Românico do Vale do Sousa.

1 AGUIAR, J. Monteiro – «Penafiel Antiga: O Marmorial ou o Arco da Ermida». In *Boletim da Câmara Municipal de Penafiel*. Penafiel, 1933. p. 14.

SILVA, António Manuel dos Santos Pinto da – «O Memorial de Santo António (Santa Eulália, Arouca) e os "Marmoirais" medievais: Revisão da sua problemática e propostas para uma análise globalizante». Sep. de *Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca*. Arouca, 1987, p. 14.

2 BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987, p. 400.

3 IDEM. *ibidem*, p. 449.

4 VASCONCELOS, Adriano M. Strecht de – *Lendas e Tradições de Castelo de Paiva (Poemetos)*. Porto: Gráficos Reunidos, Lda, 1981.

5 SILVA, António Manuel dos Santos Pinto da – «O Memorial de Santo António (Santa Eulália, Arouca) e os "Marmoirais" medievais: Revisão da sua problemática e propostas para uma análise globalizante». Sep. de *Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca*. Arouca, 1987, p. 84.



3. O Marmoiral de Sobrado ou *Marmorial* da Boavista, apresenta uma estrutura completamente distinta do Memorial da Ermida, uma vez que não apresenta arco.

A função deste tipo de monumentos, embora não esteja ainda totalmente esclarecida, deverá relacionar-se tanto com a colocação de túmulos como com a evocação da memória de alguém, como ainda com a passagem de cortejos fúnebres. Habitualmente situados em caminhos ou cruzamento de vias, consagram lugares de passagem que o homem sempre necessitou de simbolizar.

Apesar de serem conhecidos apenas alguns exemplares na região de Entre-o-Douro-e-Minho, o grande número de referências ao topónimo *memoriale* ou *marmorial*, que surge na documentação medieval, leva a supor que este tipo de monumentos era muito mais frequente.

Em documento datado de 1032, do *Livro Preto da Sé de Coimbra*, é referida a existência de *illo memoriale na villa de Pinheiro*, no concelho de Matosinhos. De salientar que esta referência documental é um pouco antiga relativamente à cronologia de outros exemplares semelhantes. Uma outra referência do *Livro Preto* aponta a existência de *illo marmorial de Ennego*, localizado no lugar de Recarei, também em Matosinhos. Embora a vocábulo *marmorial* ou *mormoiral* reporte para uma memória fúnebre, este pode corresponder a uma outra tipologia de monumento.

Nas *Inquirições* de 1258, é referido, por duas vezes, um *mormoriale Dompni Pelaggi Truytosendiz*, situado em Macieira da Maia. As *Inquirições* de 1343 falam de *mormouraes velhos de Sigães* que provavelmente estariam implantados perto de Terroso e de Paranhos (Póvoa de Varzim). A Carta de Couto do Mosteiro de São João de Longos Vales (Monção), datada de cerca de 1199, estende os limites da propriedade até aos *momuraes*⁶.

6 SILVA, António Manuel dos Santos Pinto da – «O Memorial de Santo António (Santa Eulália, Arouca) e os "Marmoirais" medievais: Revisão da sua problemática e propostas para uma análise globalizante». Sep. de *Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca*. Arouca, 1987, pp. 400-401.

O termo *Memorial*, segundo Almeida Fernandes⁷, deriva do latim *memorare*, que significa memória, enquanto que o termo *Marmoiral* deriva do antigo termo *morbus* que significa doença ou morte. Desta forma, o uso da dupla designação e, portanto, do duplo sentido, funerário e memorativo, indicia que estes monumentos têm um valor simbólico de notável interesse e singularidade, tanto mais que, segundo Mário Barroca, esta tipologia é exclusiva do território português⁸.

Outra hipótese, esta colocada por Pedro Vitorino⁹, é a de que este tipo de monumento servia de marco para assinalar o limite de territórios sob as várias jurisdições dos coutos, devido ao facto de se encontrarem junto de mosteiros e nos caminhos de acesso a estes.

A variedade de designações deste tipo de monumentos, registada na documentação, tem como fundamento as várias funções que estes foram adquirindo desde a Idade Média até à actualidade. Por outro lado, tanto a documentação como a toponímia indiciam uma grande densidade de marmoriais, sobretudo no que diz respeito à região do Entre-Douro-e-Minho, como refere António Manuel da Silva¹⁰.

Além dos exemplos da documentação medieval acima mencionados, não faltam testemunhos para a Época Moderna. Na antiga rede viária, que se estendia entre os rios Leça e Ave, são referidos vários exemplares. A *leira dos Marmoirais*, em Aveleda (1642), um *mormoyrall* em Macieira (1518), as *leiras do Marmoiral* em Mindelo (1611), o *casal do Memorial*, também em Mindelo (1611), a *leira do Marmoiral* em Mosteiró (1711), e a *sepultura dos Memoriais*, junto aos limites de Fajozes, Vairão e Maceira (1636)¹¹.

O facto de se utilizarem os memoriais como marcos definidores de limites não significa, no entanto, que eles tenham sido erguidos para essa função. A sua presença era utilizada como elemento de referência do território, como os caminhos, as pontes ou outros elementos.

Nos últimos anos, este tipo de monumento tem sido estudado por A. M. da Silva que registou a existência de seis exemplares em razoável estado de conservação, em todo o território nacional¹².

O autor refere, além dos Marmoriais de Ermida (Irivo-Penafiel) e de Sobrado (Castelo de Paiva), os de Alpendurada (Marco de Canaveses), de Santo António (Santa Eulália-Arouca), de Paradela (Mondim da Beira-Tarouca) e de Odivelas.

Embora desaparecidos, são conhecidas descrições bem pomenorizadas dos Marmoriais de Lordelo (Ancede-Baião) e de Burgães (Santo Tirso).

Segundo A. M. da Silva são, no entanto, raríssimos os casos que identificam a pessoa sepultada ou que permitam concluir sobre a sua exacta função. Os documentos acima referidos, que registam o *marmorial de Ennego* (1088) e o *mormoriale Dompni Pelaggi Truytosendiz* (1258), constituem excepções.

Uma das tradições mais arreigadas é a que associa os memoriais à passagem de cortejos fúnebres de personalidades notáveis, como o de Odivelas que estará relacionado com o cortejo fúnebre de D. João I

7 FERNANDES, Almeida – «Toponímia Tarouçense». In *Beira Alta*, Vol. XLII, Viseu. Referido em: SILVA, António Manuel dos Santos Pinto da – «O Memorial de Santo António (Santa Eulália, Arouca) e os "Marmoriais" medievais: Revisão da sua problemática e propostas para uma análise globalizante». Sep. de *Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca*. Arouca, 1987, p. 10.

8 BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987, p. 400.

9 VITORINO, Pedro – «Os Marmoriais». Sep. de *Douro Litoral*, 1ª Série, nº 5, Porto, 1942.

10 SILVA, António Manuel Santos Pinto da – «O "Marmorial" de Alpendurada (Marco de Canaveses): um tipo raro na tumulária medieval». *Marco Histórico e Cultural. Actas de eventos marcoenses*. Marco de Canaveses: Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1988-1998, p. 21.

11 IDEM, *ibidem*, p. 21.

12 IDEM, *ibidem*, p. 19.



ou com o de D. Dinis (sepultado no Mosteiro de Odivelas), e o de Paradela tradicionalmente indicado como ponto de passagem do corpo de D. Pedro, Conde de Barcelos, quando, em 1354, foi tumulado no Mosteiro de São João de Tarouca¹³.

Os memoriais de Ermida, Sobrado, Arouca, Alpendurada e Lordelo estão, segundo a lenda, relacionados com D. Mafalda, filha de D. Sancho I. São tradicionalmente referidos como ponto de paragem no traslado do seu corpo para o Mosteiro de Arouca¹⁴. Conta a lenda que D. Mafalda, devota da Nossa Senhora da Silva, na Sé do Porto, se deslocou em visita àquela imagem, acompanhada do seu séquito, morrendo na viagem de regresso, mais concretamente em Rio Tinto, a 1 de Maio de 1257. Ao longo do percurso desta viagem, segundo refere a lenda, foram erguidos *Marmoirais* destinados ao pouso do féretro da infanta durante a viagem até ao Mosteiro de Arouca, que reformou e onde foi sepultada.

Nas Memórias Paroquiais de 1758 regista-se, ao que se conhece pela primeira vez, o Memorial de Sobrado, referindo-se que «(...) *Ha nella hua memoria ou memorial a que os moradores da terra, corrupto bocabollo, chamão Marmoiral, de comprimento de dez palmos a entrada da Quinta da Boavista, com suas cruces abertas em pedras redondas nas cabeseiras, onde dizem descansará o com o corpo da Raynha a Beata Mafalda, que traziã trazi o da villa de Canazeses para o seu Real Mosteyro de Arouca deReligiozas da Orden de Cister, que dista desta villa duas legoas.*»

Segundo Pedro Vitorino, os exemplares de Alpendurada e de Lordelo, deslocados do percurso funerário, comemoravam a passagem da Beata Mafalda no contexto das viagens que fez, com a finalidade de fundar obras pias. No entanto, há aqui uma miscenização, na memória popular, entre a filha de D. Sancho e a sua avó, ou seja, a rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, igualmente celebrizada pelas suas obras pias. A rainha fundou uma albergaria em Canaveses, onde eram recebidos e tratados os viajantes pobres, referindo a tradição que a ela se devem a ponte sobre o Douro, de Barqueiros e uma ponte sobre o Tâmega, bem como as barcas de passagem «por Deus» em Moledo e Porto de Rei.

A fundação das Igrejas de São Pedro de Abragão e de São Gens de Boelhe, ambas no concelho de Penafiel, é atribuída ora à Rainha D. Mafalda ora à filha de D. Sancho I.

José Pereira Bayam regista em 1721 a propósito do percurso do corpo de D. Mafalda, de Rio Tinto para Arouca, que «onde quer que se detinhão, puzerão depois certas memorias, e arcos triunfais de pedra lavrada, que ainda hoje perservão»¹⁵.

A utilização de Memoriais como local de paragem em funerais ou procissões é, na opinião de A. M. da Silva, uma hipótese que não oferece dúvidas. A sua utilização para marcar uma sepultura, função rejeitada por A. Nogueira Gonçalves, é mais problemática entre os autores que têm abordado este fenómeno. Os memoriais de Alpendurada e de Lordelo, bem como a sepultura antropomórfica do Memorial da Ermida parecem indiciar a função tumular destes monumentos.

É muito antigo, de tradição romana e paleo-cristã, o hábito de sepultamento junto às vias de comunicação. A presença de espadas gravadas no Memorial de Sobrado, bem como nos de Alpendurada e

13 SILVA, António Manuel Santos Pinto da – «O “Marmorial” de Alpendurada (Marco de Canaveses): um tipo raro na tumulária medieval». *Marco Histórico e Cultural. Actas de eventos marcoenses*. Marco de Canaveses: Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1988-1998, p. 22.

14 AGUIAR, J. Monteiro – «Penafiel Antiga: O Marmorial ou o Arco da Ermida». In *Boletim da Câmara Municipal de Penafiel*. Penafiel, 1933, p. 17.

15 BAYAM, José Pereira – *Portugal, glorioso e ilustrado com a vida, e virtudes das bemaventuradas rainhas santas Sancha, Teresa, Mafalda, Isabel e Joanna*. Lisboa: 1727.



Lordelo, conduzem A. M. da Silva a considerar que existe uma relação entre estes monumentos e o sepultamento de cavaleiros mortos em duelo. No entanto, a quantidade de referências na documentação medieval e da Época Moderna, a memoriais, deverá ter outra explicação. De acordo com Almeida Fernandes, A. M. da Silva¹⁶, considera que o termo se aplicava igualmente a necrópoles de sepulturas escavadas na rocha que a arqueologia medieval tem revelado.

A carga simbólica e prestigiante dos Memoriais, bem como a sua antiguidade, contribuíram para que uma série de tradições e lendas se forjassem à sua volta.

Frei António da Soledade, no século XVIII, recorrendo a um manuscrito da era de 1152 (ano de 1114), conclui que o *Marmoiral* da Ermida era um monumento funerário dedicado a D. Sousinho Álvares. Esta conclusão, refutada posteriormente por outros autores, foi reforçada por Pinho Leal que se refere ao documento, acrescentando que D. Sousinho foi alcaide-mor, ou governador, do castelo de Bugefa ou Abojefa, um castro situado no Monte do Castro também designado, na Idade Média, por Monte da Sinagoga ou da Esnoga. Além deste, outro documento do *Livro de Doações de Paço de Sousa*¹⁷, referido por João Pedro Ribeiro, regista que D. Sousinho Álvares (*Joazino Alvariz*) tinha a sua casa no monte da Sinagoga. Finalmente, o que reforça ainda mais esta tradição, o monumento situa-se junto à *Estrada Velha*, no cruzamento com o caminho que levava a este velho castro, permitindo uma vez mais associar o monumento àquele alcaide. A par destas interpretações impõe-se o conhecimento de que, na Idade Média, era algo frequente sepultarem-se cavaleiros gloriosos junto de caminhos, sendo o monumento da Ermida um possível exemplar dessa prática¹⁸.

No entanto, Pedro Vitorino refuta a ideia aventada por Frei António da Soledade, alegando que existe uma disparidade considerável entre a data do documento e a possível data de construção do monumento, afirmando, baseado nas suas características arquitectónicas, que este monumento é 100 anos posterior ao documento referido¹⁹. Já anteriormente, Abílio Miranda havia afirmado que «teimam em dizer que aí está sepultado um lendário D. Souzinho Alvares; mas isso é destituído de toda a crítica pois o documento em que pretendem basear-se é anterior ao século XII e o monumento referido é românico-gótico, portanto, na melhor hipótese, de meados do século XIII»²⁰.

Em meados do século XVI, João de Barros, na *Geografia de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*, refere «umas sepulturas antigas que não são dos romanos e estão no monte feitas à maneira de moimento, com arco por cima, e estas não têm nenhuma letra, nem me sabem dar certa razão de quem serão ou porque se faziam ali, fora das igreja», acusando que já se havia perdido a memória da exacta função destes monumentos.

No entanto refere que, conforme dizia a tradição, estes túmulos correspondiam a «homens que morreram em desafio»²¹.



4. Marmoiral de Sobrado.
Cabeceira vertical com cruz gravada.

16 SILVA, António Manuel Santos Pinto da – «O "Marmorial" de Alpendurada (Marco de Canaveses): um tipo raro na tumulária medieval». *Marco Histórico e Cultural. Actas de eventos marcoenses*. Marco de Canaveses: Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1988-1998, p. 24.

17 IDEM, *ibidem*, p. 15

18 AGUIAR, J. Monteiro – «Penafiel Antiga: O Marmorial ou o Arco da Ermida». In *Boletim da Câmara Municipal de Penafiel*. Penafiel, 1933, p. 15.

19 VITORINO, Pedro – «Os Marmoriais». *Sep. de Douro Litoral*, 1ª Série, nº 5, Porto, 1942.

20 MIRANDA, Abílio – *Terras de Penafiel*. Vol. I. Penafiel, 1937.

21 BARROS, João de – *Geografia d'entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1919 [ms. original de 1549], pp. 109-110.



5. Memorial da Ermida.
Detalhe do alçado.

Os Memoriais da Ermida e de Sobrado correspondem a monumentos que merecem ser valorizados, tanto pelo seu significado, como pela raridade de exemplares conservados em Portugal.

São, por outro lado, exemplares da arquitectura medieval da região do Vale do Sousa que, juntamente com os castelos, as torres, os mosteiros, as igrejas paroquiais, as pontes, as fontes e as vias, patenteiam a riqueza e a diversidade da construção medieval que, de uma forma tão expressiva, marca este território e esclarece a fundura das suas raízes.

O Memorial da Ermida foi alvo de obras de restauro durante a década de 40 do século XX, a cargo da DGEMN, durante as quais Abílio Miranda, ao falar com os artistas, descobriu que debaixo da caixa tumular deste monumento havia uma sepultura antropomórfica, em pedra, cujo tamanho correspondia ao de uma criança recém-nascida²².

Em 1960 é vedado o acesso ao monumento, transgredindo-se assim a zona de protecção do memorial. Em 2006 e 2007 são realizadas obras de conservação e valorização do acesso aos imóveis no âmbito da Rota do Românico do Vale do Sousa. [LR / MB]

Cronologia do Memorial da Ermida

Séc. XIII – Edificação original;

Década de 1940 – Obras de restauro;

1960 – Encerramento do terreno privado que circunda o monumento por iniciativa do proprietário, vedando o seu acesso e transgredindo a zona de protecção do memorial;

2006/2007 – No âmbito da Rota do Românico do Vale do Sousa, foram realizadas as seguintes obras: conservação da pedra; conservação e valorização da envolvente.

Cronologia do Marmoiral de Sobrado

Séc. XIII (meados) – Edificação original;

2007 – Obras de conservação e valorização da envolvente ao imóvel no âmbito da Rota do Românico do Vale do Sousa: criação de um pequeno espaço verde; tratamento das árvores existentes e reposição das árvores de alinhamento em falta; instalação de iluminação própria.

²² MIRANDA, Abílio – «Marmoiral». In *Boletim da Comissão Municipal de Cultura*. Penafiel, 1947, pp. 9-10.